

FREGE: FILÓSOFO DA LINGUAGEM?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PENSAMENTO DA MATURIDADE DE FREGE

*José Beluci Caporalini**

INTRODUÇÃO

No que se segue procura-se expor alguns aspectos do pensamento de Gottlob Frege tendo em mente uma hipótese já examinada positivamente por alguns autores¹ e rejeitada por outros², isto é, se Frege é ou não um filósofo da linguagem.

Desnecessário dizer que se trata de uma tentativa dentro de limites bem precisos, específicos, mesmo porque os textos de Frege oferecem dificuldades de interpretação e os próprios especialistas não estão de acordo em muitos pontos, sendo o da linguagem apenas um deles. Espera-se que alguma luz possa vir à tona, ao final da procura.

A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO DE FREGE

Há autores que dividem a evolução do pensamento de Frege em quatro etapas³; ou o mesmo autor que em artigos e livros diversos o dividem em cinco e seis etapas, como é o caso de Michael Dummett⁴. Não obstante este aparente paradoxo, prefere-se neste particular, seguir Dummett já que ele é um dos que mais o estudou nas últimas três décadas e uma vez que o seu artigo é de 1967 e a segunda edição do seu livro *F P L* aparece em 1981, é admissível que Dummett tenha mudado de opinião, como de resto ele o faz a respeito de vários aspectos antes escritos sobre Frege.⁵

*Prof. Dr. do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

- 1 - É impressionante o que Michael Dummett sozinho escreve a respeito de Frege como filósofo da linguagem. Cf. *Frege: philosophy of language*, (FPL) e *The interpretation of Frege's philosophy*, (IFP). Nesta segunda obra o autor reafirma e clarifica a sua posição já manifesta na primeira, ou seja, Frege foi um filósofo da linguagem.
- 2 - Para aqueles que não aceitam tal hipótese, veja-se o trabalho de G.P. Baker e P.M.S. Hacker, "Dummett's Purge: Frege without functions", In: *The Philosophical Quarterly*, p. 115-132.
- 3 - Cf. Jesús Mosterín, em sua introdução a *G. Frege: estudos sobre semântica*, P.6ss; também Luis H. dos Santos, intr. a *Johann Gottlob Frege*, p. 178-180.
- 4 - Michael Dummett, art. "Gottlob Frege", p. 226-227 e FPL, P. 629-662.
- 5 - FPL, p. XVII-XXIII.

Dummett divide a carreira de Frege em seis períodos.⁶

1º Período: Vai de 1879 a 1883 e começa com o aparecimento do Begriffsschrift em 1879. Os escritos de Frege durante esse período consistem especialmente em explicar o sistema lógico exposto no Begriffsschrift e em demonstrar a sua superioridade em relação às obras de seus predecessores. Segundo Mosterín⁷ é com essa obra que se inicia o que hoje se chama lógica.

2º Período: Estendendo-se da publicação de Die Grundlagen der Arithmetik, os fundamentos da aritmética, (FA) em 1884 ao ano de 1890. Frege está decepcionado devido à pouca apreciação que o Begriffsschrift tem por parte dos matemáticos e filósofos e assim apresenta uma obra altamente original e profunda para ser, de novo, decepcionado pelo mundo dos intelectuais.

Não obstante, é nesse livro que Frege aparece não só como lógico mas também como filósofo.

O livro contém ataques longos e destruidores das opiniões de seus predecessores e contemporâneos sobre duas questões fundamentais: Que são os números? e Qual é a natureza da verdade aritmética? De fato, segundo Dummett⁸, tais ataques são um sucesso completo pois as opiniões criticadas por Frege são totalmente (*sic!*) aniquiladas.

O resultado a que Frege chega é de extrema importância, ou seja, as noções básicas da aritmética são definidas em termos puramente lógicos. Ele evita todo simbolismo, excessão feita em relação às variáveis. Porém, a importância capital está em que neste trabalho são apresentadas muitas idéias que são de grande interesse para a filosofia como um todo.

Ainda que Frege afirme, nessa obra, que todas as noções aritméticas podem ser definidas em termos de noções requeridas pela lógica em geral, e que todas as leis aritméticas podem ser provadas a partir de tais princípios, ele permanece kantiano em relação ao a priori⁹ e jamais estende tal tese à matemática como um todo, como fará Russell nos anos seguintes.

3º Período: É aquele que vai de 1891, quando Funktion und Begriff vem à luz e é publicada, até 1906, quando Frege publica o segundo artigo de uma série sobre os fundamentos da geometria. Os dois volumes Grundgesetze der Arithmetik de 1893 e 1903 respectivamente pertencem, pois, a esse período.

6 - op. cit., p. 629ss.

7 - op. cit., p. 6.

8 - art. cit., p. 226

9 - id. id.

Em As leis fundamentais da aritmética (L F A) Frege procura formalizar e completar os F A e, por essa razão, é levado a alterar alguns aspectos da sua conceitografia e a inserir em seu contexto a distinção entre sentido e referência e a assimilação de sentenças a nomes completos. Com tais modificações, Frege torna possível o uso generalizado do sinal de identidade, sem provar perplexidades filosóficas, bem como consegue explicar porque as equações aritméticas são ao mesmo tempo analíticas e informativas. Além disso, introduz a noção de percurso de valor de uma função, ou seja, todo conceito é uma espécie de função, a extensão de um conceito é seu percurso de valor e todo número é uma extensão de certo conceito. É também dessa época, precisamente quando ele está publicando o segundo volume de L F A, a carta de Russell notificando-o sobre uma contradição encontrada no corpo do sistema formal do Grundgesetze, contradição essa que se torna famosa e vem a ser conhecida como "paradoxo das classes". Frege não defende o seu sistema, reconhece a contradição e escreve um apêndice em L F A, vol, II¹⁰.

4º Período: Esse período vai de 1913 e é quase que completamente improdutivo. Nele Frege troca correspondência com o lógico Leopold Löwenheim sobre aritmética formal, polemiza com Thomae e escreve alguns comentários num artigo sobre o seu trabalho, escrito por Jourdain. Não escreve o terceiro volume do Grundgesetze, que segundo o seu plano original, deveria acompanhar o segundo. Terá sido devido à carta de Russell?¹¹

5º Período: Essa etapa vai de 1914 a 1918. Ele já está aposentado de seu posto em Jena e tem um despertar de atividades. Pertence a essa época Logik in der Mathematik, posteriormente publicada com o título de Logische Untersuchungen: o quarto capítulo só é publicado em 1969.

No segundo ensaio intitulado Die Verneinung Frege diz expressamente que o sentido de uma sentença é o pensamento ao passo que em Der Gedanke ele afirma que o sentido de uma sentença imperativa ou de uma optativa não é um pensamento, isto é, nada ao qual o predicado "verdadeiro" e "falso" possa ser aplicado.

10 - Evidentemente que Frege sente-se abalado por isso, como suas palavras no epílogo deixam entrever: "Nada mais triste pode acontecer a um escritor científico que ver como, depois de terminado o seu trabalho, uma das bases de sua construção é sacudida", in: Peter Geach e Max Black, Translations from the philosophical writings of Gottlob Frege, p. 234. Tal atitude de integridade por parte de Frege será posteriormente reconhecida por Russell: "Quando penso em atos de graça e integridade, dou-me conta de que não conheço ninguém comparável com a dedicação de Frege à verdade. Frege estava terminando a obra de toda sua vida, a maior parte de seu trabalho havia sido ignorado em benefício de homens infinitamente menos competentes que ele, seu segundo volume estava para ser publicado e, ao dar-se conta de que sua base fundamental era errônea reacionou com prazer intelectual, reprimindo todo sentimento de decepção pessoal. Era algo quase sobre-humano e um índice daquilo de que os homens são capazes quando estão dedicados ao trabalho criador e ao conhecimento, e não ao afã cru de dominarem e tornarem-se famosos." Apud Mosterin, op. cit. p. 8-9, que por sua vez cita Jean van Heijenoort.

11 - FPL, p. 657-658.

6º Período: O último período é aquele que vai de 1919 a 1925. Não publica nada durante este período. Escreve, porém, trabalhos fragmentários e sobre matemática, escritos estes que aparecem nos Nachgelassene Schriften de 1969.

É desse período a sua convicção de que o projeto de fundamentar toda a aritmética sobre a lógica é um erro e que a teoria das classes se constitui na essência do erro: erro intelectual esse que o leva, e consigo outros, ao equívoco.

Já que a matemática ainda necessita de ser unificada, a geometria tem que ser tomada como a teoria matemática fundamental e mesmo a teoria do número deriva dela: toda a verdade matemática é assim um sintético a priori (idéia kantiana).

Depois de se ter visto genericamente as características da evolução do pensamento de Frege passa-se a seguir à consideração de alguns aspectos específicos de seu pensamento.

O SENTIDO E A REFERÊNCIA

Uma das grandes contribuições de Frege à Filosofia vem de um artigo seu publicado em 1892, terceiro período, portanto, intitulado "Sobre o sentido e a referência".

O desenvolvimento da doutrina do sentido e da referência começa numa consideração da relação de identidade. Frege nota que " $a=a$ " e " $a=b$ " são claramente declarações de diferente valor cognitivo, que não seriam tais "se quiséssemos considerar a igualdade como uma relação entre aquilo a que os nomes "a" e "b" se referem"¹². Conseqüentemente, "é, pois, plausível pensar que exista, unido a um sinal (nome, combinação de palavras, letra), além daquilo por ele designado, que pode ser chamado de sua referência, ainda que eu gostaria de chamar de o sentido do sinal, onde está contido o modo de apresentação do objeto (...). A referência de "Estrela da Tarde" e "Estrela da Manhã" seria a mesma, mas não o sentido"¹³.

Frege primeiro aplica a sua distinção aos nomes próprios pelos quais ele quer dizer qualquer designação de um único objeto.

12 - Paulo Alcoforado. Lógica e filosofia da linguagem. Cf. Mosterín, op. cit. p. 11, onde ele diz que "a partir de 1891, Frege introduz uma estrutura no conteúdo significativo, distinguindo entre a referência - Bedeutung - e o sentido - Sinn - do sinal ou expressão."

13 - Frege, op. cit. p. 62.

"Um nome próprio (palavra, sinal, combinação de sinais, expressão) exprime seu sentido e designa ou refere-se à sua referência"¹⁴.

"Aristóteles poder-se-ia, por exemplo, tomar como sentido o seguinte: o discípulo de Platão e o mestre de Alexandre Magno"¹⁵.

Algumas expressões, como "a série que converge menos rapidamente" tem um sentido, diz Frege mas não referência. Portanto, entender um sentido nunca assegura a sua referência"¹⁶ Uma expressão que tem referência "não deve ser tomada como tendo sua referência usual"¹⁷ quando está entre aspas. Tais observações são importantes pois nelas Frege parece querer mostrar o que essa referência extraordinária possa ser e, mais importante ainda, reconhecer que muitos contextos lingüísticos diferentes afetam a referência de expressões incluídas dentro deles, especialmente o discurso indireto e sentenças subordinadas que seguem verbos como "ouvir", "concluir", "perceber", e "conhecer". Frege sustenta, por exemplo, que "no discurso indireto, as palavras (...) têm a sua referência indireta", (ou seja, não a sua referência usual). Mais. Ele distingue "a referência costumeira de uma palavra de sua referência indireta, e o seu sentido costumeiro de seu sentido indireto. A referência indireta de uma palavra é, pois, seu sentido costumeiro"¹⁸.

Frege está preocupado em dizer que espécie de entidades o sentido e a referência são. No caso de um nome próprio, por exemplo, a sua descrição parece relativamente sem problemas: "um objeto determinado (esta palavra ('objeto') tomada na acepção mais ampla)"¹⁹, tão ampla que "2 + 2" e "4", por exemplo, são dois nomes próprios com um e o mesmo 'objeto' como a sua referência.

Em relação ao sentido de um nome próprio, Frege acha mais fácil dizer o que ele não é: "A referência de um nome próprio é o próprio objeto que por seu intermédio designamos; a representação²⁰ que dele temos é inteiramente subjetiva; entre uma e outra está o sentido que, na verdade, não é o próprio

14 - Id., op. cit. p. 66-67. A ênfase é do autor deste artigo.

15 - Id., op. cit. p. 63, nota 1.

16 - Id., op. cit. p. 63.

17 - Id., op. cit. p. 64.

18 - Para estas citações usa-se sobretudo o texto editado por Peter Geach e Max Black, op. cit. p. 59, além do texto editado por Alcoforado, op. cit. p. 64.

19 - Id., op. cit. p. 62.

20 - Sic, apud a tradução de Alcoforado, op. cit. p. 65 e a de Mosterín, op. cit. p. 55. já o texto de P. Geach e M. Black, op. cit. p. 60 tem a palavra i d e a (idéia), mantendo os primeiros tradutores, representação e os dois últimos a palavra idéia para a nota de Frege que precede imediatamente a citação.

objeto". Há, assim, uma distinção subjetiva - objetiva entre idéia e o sentido do sinal. Veja-se o exemplo da observação da lua por observadores diversos: "Frege diz que a imagem no telescópio é, na verdade, unilateral; ela depende do ponto de vista da observação; não obstante, ela é objetiva, na medida em que pode servir a vários observadores²¹. É possível que não obstante sua luta intensa contra o psicologismo Frege, de fato, não tenha superado completamente a noção do sentido do sinal pois dificilmente se poderá negar que a humanidade possui um tesouro comum de pensamentos, que é transmitido de uma geração para outra, e não é, portanto, simplesmente uma parte ou modo da mente individual²².

Quando o filósofo alemão discute o sentido e a referência das sentenças assertivas, a doutrina do sentido é praticamente clara ao passo que a da referência torna-se problemática. Uma sentença, Frege afirma, "contém um pensamento", e por pensamento ele entende, "não o ato de pensar, mas seu conteúdo objetivo, que pode ser a propriedade comum de muitos (pensadores)"²³. As duas sentenças "a Estrela da Manhã é um corpo iluminado pelo sol" e "a Estrela da Tarde é um corpo iluminado pelo sol" contém pensamentos diversos, como pode ser visto pelo fato de que se "alguém que não soubesse que a Estrela da Tarde é a Estrela da Manhã poderia sustentar um pensamento como verdadeiro e outro como falso. O pensamento, portanto, não pode ser a referência da sentença, pelo contrário, deve ser considerado como seu sentido"²⁴.

Desse modo deve-se considerar somente o sentido das sentenças na medida em que não se está interessado em julgar a sua veracidade mas "que em todo juízo, mesmo o mais evidente, o passo do plano dos pensamentos para o plano das referências (do objetivo) já foi dado"²⁵. O que se busca no juízo é o valor de verdade da sentença. Nas palavras de Frege: "somos assim levados a reconhecer o valor de verdade de uma sentença como sendo sua referência (...). Toda sentença assertiva, face à referência de suas palavras, deve ser, por conseguinte, considerada como um nome próprio, e sua referência, se tiver uma, é ou o verdadeiro ou o falso"²⁶.

21 - Alcoforado, op. cit. p. 65-66.

22 - Alcoforado, op. cit. p. 65. O anti-psicologismo de Frege tem confirmação textual explícita. Veja-se este texto: "Ao captar (um pensamento) algo vem em mente cuja natureza já não é mental no sentido próprio, ou seja, o pensamento; e esse processo é talvez o mais misterioso de todos. Mas simplesmente porque ele é mental em caráter não necessitamos preocupar-nos com ele em lógica. Basta-nos o poder captar os pensamentos e reconhecê-los serem verdadeiros; como isso se dá é uma questão (à parte)". In: *Posthumous writings*, citado por Baker e Hacker, art. cit., p. 122.

23 - Id., op. cit. p. 67, nota 1.

24 - Alcoforado, op. cit. p. 67-68.

25 - Id., op. cit. p. 69.

26 - Id. ib.

Frege está bem consciente que esta sua doutrina da semântica das sentenças é de uma importância capital como o indica bem a frase "somos (...) levados a reconhecer (...)" etc. Grande parte do restante de seu ensaio "Sobre o sentido e a referência" é dedicada a considerações que Frege acha ser de apoio a essa teoria, entre elas a lei de Leibniz, porque "que mais, senão o valor de verdade poderia ser encontrado, que pertença de modo muito geral a toda sentença onde as referências de seus componentes são levadas em conta, e que permaneça inalterado pelas substituições do tipo mencionado?"²⁷.

A doutrina segundo a qual as sentenças são nomes próprios (têm um valor de verdade -o verdadeiro ou o falso-) tem uma importante consequência pois a sua rejeição por parte de Wittgenstein e Russell contribui à formação do caminho da filosofia da linguagem neste século.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semântica fregeana é de uma importância enorme pois ela se transcende a si mesma. A teoria do sentido e da referência, como se procura comentar em alguns de seus aspectos neste artigo, é capital para se ter uma idéia do pensador alemão como lógico, filósofo e pesquisador original que despertaria toda uma problemática no campo da linguagem, a partir de seus pressupostos. Contudo, note-se que, não obstante o esforço ingente de Dummett, talvez Frege deva ser visto como um precursor, pensador original, que não se interesse diretamente pela linguagem pois, de fato, esta não se constitua no eixo central de sua pesquisa²⁸.

"A maior parte do artigo "Sobre o sentido e a referência" está dedicada a analisar as dificuldades que esta teoria do sentido e da referência das proposições apresenta no caso das citações, o estilo indireto e as orações subordinadas. Nesse contexto aparece também a primeira teoria das descrições²⁹.

Frege, como se vê, estabelece a distinção entre sentido e significado dos sinais. Ainda que, estritamente falando, ele não esteja preocupado em defini-los pode-se dizer que "o significado seria o objeto denominado ou denotado pela expressão; já o sentido conteria o modo de apresentação pelo qual o sinal fornece seu significado"³⁰.

27 - Id., op. cit. p. 70.

28 - Quase todas as formulações de Dummett sobre as idéias fundamentais fregeanas têm sentido somente na suposição de que Frege defendeu a tese segundo a qual a tarefa central da filosofia da lógica (e da filosofia da matemática) era a análise semântica da linguagem. Cf. G.P. Baker e P.M.S. Hacker, art. cit. p. 127.

29 - Cf. Mosterín, op. cit. p. 12, que tem algumas observações bem cuidadosas a respeito deste artigo, editado postumamente nos Nachgelassene Schriften.

30 - Luis H. dos Santos, op. cit. p. 187.

Os princípios da semântica de Frege têm estes aspectos:

Lógico e o psicológico.

Objetivo e subjetivo.

Conceito e objeto.

As palavras só têm significado no contexto de uma sentença³¹.

É evidente, como se procurou ver antes, que estes princípios se desdobram em diferentes categorias. Aqui, não obstante, chama-se a atenção do leitor para o ponto inicial, ou seja, a hipótese norteadora deste trabalho: foi Frege filósofo da linguagem?

Tendo-se em vista que Frege, em sua semântica, está interessado com o sentido lógico, de referência e de sentido e não com a linguagem como significado então, não obstante a tese de Dummett,³² é possível que se está mais próximo da verdade se se concluir que Frege quer chegar às coisas lógicas e que estas vêm vestidas pela linguagem já que ele, Frege, não pode tê-las puras³³.

31 - Este princípio, em especial, é muito explorado por Wittgenstein em seu *Tractatus logico-philosophicus*.

32 - "Uma adesão explícita à doutrina fundamental da filosofia analítica não pode assim ser reivindicada para Frege: mas o que pode ser reivindicado é que a sua filosofia do pensamento e da linguagem leva quase inexoravelmente nessa direção. Seja como for, a tentativa de explicá-lo como completamente desinteressado com a linguagem é muito errada. Os pensamentos existem independentemente de nós: mas, antes que essa tese possa ser explicitada, para não dizer avaliada, devemos conhecer o que é um pensamento. Uma explicação seria que um pensamento é aquilo que é dito ser verdadeiro ou falso; mas isso não excluiria contar uma moeda, ou um amigo, como um pensamento. Temos que dizer que um pensamento é o que é transmitido por uma sentença se quisermos escolher as aplicações de "verdadeiro" e "falso" (...) (Independentemente de) "se Frege deve ou não ser considerado como um filósofo analítico, ele foi sem dúvida um filósofo da linguagem; interpretá-lo de outro modo não fará justiça às suas doutrinas." (IFP., p. 54-55).

33 - Cf. as seguintes palavras de Dummett sobre a importância do lugar de Frege na História da Filosofia (FPL, p. 666): "por isso, não é o trabalho de Frege na filosofia da matemática que lhe confere o status de uma figura de primeira importância na história da filosofia em geral, mas (seu trabalho) na filosofia da lógica. E o significado primário de Frege consiste precisamente no fato que ele fez essa área da filosofia não um ramo especializado, mas o ponto de partida para toda a temática."

BIBLIOGRAFIA

- ALCOFORADO, P. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo, Cultrix, 1978.
- BAKER, G. P. e S. HACKER, P. M. "Dummett's purge: Frege without functions," In: *Philosophical quarterly*. Oxford: 33 (131), abr. 1983.
- DUMMETT, M. *Frege: philosophy of language*. London, Duckworth, 2ª ed., 1981.
- _____. *The interpretation of Frege's philosophy*. Cambridge, Harvard University Press, 1981.
- _____. "Gottlob Frege". In: *The encyclopedia of philosophy*. Paul Edwards., Ed. New York: Macmillan, v. 3, 1967.
- GEACH, P. *Logical investigations*. Oxford, Brasil Blackwell, 1977.
- GEACH, P. e BLACK, N. *Translations from the philosophical writings of Gottlob Frege*. Oxford, Brasil Blackwell, 2ª ed, 1977.
- MOSTERIN, J. G. *Frege: estudios sobre semántica*. Barcelona, Ariel, 2ª ed., 1973.
- SANTOS, L. H. *Johann Gottlob Frege*. São Paulo, Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).